

## O Heterodiscurso em uma charge política contemporânea: um estudo à luz de Bakhtin e o Círculo

Heterodiscourse in a contemporary political cartoon: a study in the light of Bakhtin and the Circle

Wilder Kleber Fernandes de Santana<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
wildersantana92@gmail.com

Lucas Rodrigues Lopes<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Pará – UFPA  
identidadesfragmentadas@gmail.com

**RESUMO:** Este estudo objetivou realizar um trabalho investigativo sobre o Heterodiscurso sob o horizonte dos estudos dialógicos. Para tanto, recorreremos às contribuições de Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1930-34]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]) para subsidiarem a pesquisa. A abordagem dialógica, com a propositura de análises heterodiscursivas, tem demonstrado que há diversas possibilidades de se analisar as manifestações de linguagem, e que os diversos enunciados podem ser compreendidos como gêneros do discurso. Nessa direcionalidade, o manuscrito está estruturado em duas seções: a primeira, intitulada *Dialogismo e a circunscrição do Heterodiscurso*, consiste na discussão teórica, enquanto a segunda, *Uma nova moeda brasileira: olhares heterodiscursivos*, centra-se na análise da charge *200 capetões*, produzida por Jota Camelo. Os resultados apontaram que o Heterodiscurso se constitui como dispositivo potencializador no terreno da linguagem, na medida em que propicia aos sujeitos analistas e pesquisadores ferramentas fundamentais para a constatação de fios socio-histórico-ideológicos constituintes.

**Palavras-chave:** Estudos dialógicos; Heterodiscurso; Charge; 200 capetões.

**ABSTRACT:** This study aimed to carry out an investigative work on Heterodiscourse under the perspective of dialogical studies. For that, we used the contributions of Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1930-34]), Medviédev (2016 [1928]) and Volóchinov (2017 [1929]) to support the research. The dialogic approach, with the proposition of heterodiscursive analyzes, has shown that there are several possibilities to analyze the manifestations of language, and that the different statements can be understood as genres of discourse. In this direction, the

---

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional e Especialista em Gestão da Educação Municipal pelo Pradime, na Universidade Federal da Paraíba. Atualmente integra, como representante discente do Doutorado, o Colegiado do Proling/UFPB (2019/2020) e a Comissão de Autoavaliação do Programa (Proling, 2019/2020). Bolsista Capes.

<sup>2</sup> Professor do curso de Letras - Inglês e do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura na Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2018) e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2010). Atua principalmente nos seguintes temas: autoria, ensino de línguas, discurso, educação, discurso pedagógico.

manuscript is structured in two sections: the first, entitled *Dialogism and the circumscription of Heterodiscourse* consists of theoretical discussion, while the second, *A new Brazilian currency: heterodiscursive views* focuses on the analysis of the 200 capetões cartoon, produced by Jota Camel. The results showed that the Heterodiscourse constitutes a potentializing device in the field of language, insofar as it provides the analysts and researchers with fundamental tools for the verification of constituent socio-historical and ideological threads.

**Keywords:** Dialogic studies; Heterodiscourse; Cartoon; 200 capetões.

## Introdução

Discutir sobre o Heterodiscurso (ou o plurilinguismo, a depender da tradução) não consiste em um exercício simples, uma vez que esta categoria bakhtiniana tem oferecido diferentes subsídios para o trabalho com a língua concreta e viva (BAKHTIN, 2006 [1979]; 2013 [1929]) nos mais diversos espaços acadêmicos e midiáticos em terreno brasileiro. Torna-se válido mencionar que esse trabalho não é pioneiro ao procurar sustentação nos estudos dialógicos, pois pesquisas e interpretações já vêm sendo tecidas (COSTA; BARBOSA, 2017; MACIEL, 2018; SANTANA; NASCIMENTO, 2018; NEVES; PAVAN, 2018; SANTANA; PASSERINI; FRANCELINO, 2019). Inserimo-nos, portanto, nesse *hall* de produções acerca dos estudos discursivos em âmbito dialógico-sociológico.

Uma das grandes contribuições do horizonte heterodiscursivo está no fato da reacentuação e da problematização do método formal<sup>3</sup>, uma vez que este tinha como base de interpretação de seus dados concepções tradicionais de ensino e de produção, especificamente quanto aos movimentos de linguagem. Conforme Bakhtin, a própria terminologia *formal* gesta um ensino imanente, preso a uma noção de língua como pura coisa morta (BAKHTIN, 2006 [1979]). No que tange a essa postura crítica que vem se ramificando em pesquisas brasileiras, Zozzoli (2014), bem como Lopes e Silveira (2019) e Santana (2019) propõem estudos de linguagem que não sejam polarizados nem extremistas: nem fechados a aspectos formais/gramaticais da língua, como era revestido no objetivismo abstrato, nem tampouco se centralizar em questões psicologizantes da vontade do sujeito, como promulgava o subjetivismo individualista (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Diante de atitudes superficiais e críticas jornalísticas infundamentadas, as quais ignoravam a relação indissociável entre forma, conteúdo e o aspecto social das obras literárias, Bakhtin posiciona-se veementemente contra o formalismo e o mecanismo que durante tanto tempo aprisionaram o romance, o qual é essencial para a compreensão da “estilística do gênero” (BAKHTIN, 2015, p. 21). Essa postura responsiva traz para os sujeitos

---

<sup>3</sup> Importa esclarecer que método formal não consiste em um movimento vernáculo, mas a uma propositura empreendida por estudiosos formalistas, sobretudo na Rússia. Conforme outrora apontado por Santana (2019), em parte considerável da Europa e especificamente na Rússia, nas primeiras décadas do século XX, esteve hegemônico um ensino de literatura e de línguas puramente formal, “tanto nas escolas em ensinamentos fundamental e médio quanto em centros universitários” (SANTANA, 2018, p. 166). Grillo comenta que alguns grupos, em espaço russo, a exemplo da *Sociedade para o Estudo da Língua Poética* (OPOYAZ), propuseram um estudo separatista: seus estudos ganhavam força na distinção entre linguagem prática e linguagem poética. Integram esse grupo, “Viktor Chklóvski (1893-1984), Iury Tiniánov (1894-1943), Boris Eikhenbaum (1886-1959), Viktor Vinógrádov (1895-1969), Viktor Jirmúnski (1891-1971) e o pró-prio Lev Iakubínski (1892-1946)” (GRILLO, 2017, p. 42).

pesquisadores um sistema que os edifiquem “numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço” (FREIRE, 2003, p. 44). Nesse sentido, circunscrevemo-nos em um período pós-superação do divórcio entre o “formalismo abstrato e o igualmente abstrato ‘ideologismo’ no estudo do discurso literário, e uma superação baseada numa estilística sociológica” (BAKHTIN, 2015, p. 21).

Desse modo, em busca de contribuir para a constituição de análises e de sujeitos dialógicos (SILVA-JÚNIOR; SANTANA, 2018), elencamos o *Heterodiscurso* como categoria para sustentar nosso ato analítico, ao averiguarmos, discursivamente, uma charge intitulada *200 capetões*, de autoria de Jota Camelo (2020), e que teve ampla circulação nas redes sociais Instagram e Facebook. Para tanto, recorreremos às contribuições filosóficas e sociológicas de Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1930-34]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]), assim como a interlocutores em campo brasileiro, para subsidiarem a pesquisa.

Nesse itinerário discursivo, o presente manuscrito encontra-se estruturado em duas seções: a primeira, intitulada *Dialogismo e a circunscrição do Heterodiscurso*, é sustentada pelos dizeres de Bakhtin e o Círculo, os quais compõem o que denominamos de estudos dialógico-discursivos da linguagem. A segunda seção, intitulada *Uma nova moeda brasileira: olhares heterodiscursivos*, integraliza as análises, em que selecionamos como *corpus* a charge *200 capetões*, de autoria de Jota Camelo (2020). Os resultados apontaram que o Heterodiscurso se constitui como dispositivo potencializador no terreno da linguagem, na medida em que propicia aos sujeitos analistas e pesquisadores ferramentas fundamentais para a constatação de fios socio-histórico-ideológicos, constituintes.

## **Dialogismo e a circunscrição do Heterodiscurso**

Importa, inicialmente, reconhecer que a natureza dialógica da linguagem, como formulação teórico-metodológica, desempenha papel nevrálgico nas obras de Bakhtin e o Círculo. Nesse direcionamento argumentativo, na perspectiva dos integrantes do Círculo, o dialogismo é engendrado como o princípio constitutivo da linguagem, em suas dimensões concreta e viva, e não como uma *pura coisa morta* (BAKHTIN, 2006 [1979]). Afirma o filósofo (2006 [1979]) que não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e dessa forma “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 410). Desse modo, “Não há palavras

nem sentidos absolutamente mortos: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 410). Essa renovação possível é denominada pelos estudos bakhtinianos de dialogismo ou concepção dialógica da linguagem.

Em seu escrito filosófico inacabado intitulado *Para uma filosofia do ato responsável* (2010 [1920-24]), Bakhtin traça caminhos em relação ao processo interativo-dialógico ao trazer, pela primeira vez, suas reflexões sobre a linguagem, ao delinear que “Historicamente a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato, e somente nos tempos recentes de sua história começou a servir o pensamento abstrato” (BAKHTIN, 2010 [1920-24], p. 80). A expressão do ato, nesse direcionamento, ganharia peso semântico “a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade” (BAKHTIN, 2010 [1920-24], p. 80).

Na medida em que tece críticas ao modelo formalista russo (2010 [1920-24]; 2006 [1979]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), Bakhtin constrói proposições sobre o dialogismo e a natureza dialógica da consciência, que seria a

natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 348).

Isso nos impulsiona a perceber que a noção de dialogismo está intrinsecamente ligada à percepção da interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), o qual, de acordo com Santana (2018), procura sustentar-se a partir de críticas sociológicas ao apresentar réplicas a duas correntes do pensamento filosófico-linguístico hegemônico na época: o *objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista*. A primeira entendia a língua como “um conjunto abstrato de signos usados para comunicação; a segunda postula que a língua é realizada em forma de uma enunciação monológica, um ato individual de fala proveniente da consciência individual, dos desejos e intenções do enunciador” (SANTANA; OLIVEIRA, 2020, p. 146).

Afirma Bakhtin, ao discorrer sobre a natureza dialógica da vida humana, que

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do

diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 348).

É sobretudo graças à abordagem dialógica da linguagem que, na percepção do crítico russo, no manuscrito *A ciência da literatura hoje* (2017 [1970], p. 14), “As obras dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos, isto é, no grande tempo, e além disso levam frequentemente uma vida mais intensa e plena do que em sua atualidade”. Sob tal linha de raciocínio, podemos compreender que os sentidos se desvelam no tempo, e sobretudo graças a aspectos histórico-ideológicos, o que Medviédev entende por *Ciência geral das Ideologias* (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]).

Com respeito ao Heterodiscurso, torna-se essencial recorrer à obra *Teoria do romance I: A estilística* (BAKHTIN, 2015), cuja tradução foi realizada direto do russo por Paulo Bezerra. O Heterodiscurso, conforme discorre Bezerra, trata-se de um conceito que exaure múltiplas linguagens sociais as quais sedimentam a forma romanesca, consistindo em “uma categoria central em toda a teoria do romance de Bakhtin” (BEZERRA, 2015, p. 12). Nessas condições interpretativas, o conceito representa a compreensão bakhtiniana de mundo como compreensão, em que duas consciências, no mínimo, interagem, via processo de (en)formação. O tradutor comenta que

Para Bakhtin, o heterodiscurso é produto da estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, falares de grupos, jargões profissionais, e compreende toda a diversidade de vozes e discursos que povoam a vida social, divergindo aqui, contrapondo-se ali, combinando-se adiante, relativizando-se uns aos outros e cada um procurando seu próprio espaço de realização (BEZERRA, 2015, p. 13).

Na ótica do tradutor brasileiro, o aspecto social é determinante no processo pluridiscursivo que pavimenta a língua em uso, o que poderíamos entender como um povoamento de palavras em níveis histórico, ideológico e discursivo. Para Santana e Oliveira (2020), os domínios ético e estético apontados por Bakhtin, na vida e na arte, são responsáveis pela concretude da heterodiscursividade, a qual engendra inúmeras vozes sociais que atravessam os discursos. Na vida teríamos a explicitação de diálogos, réplicas do cotidiano, o inacabamento de vozes que se dissolvem e retornam no tempo, enquanto na arte haveria a seleção valorativa do autor, do narrador e das personagens (BAKHTIN, 2006 [1979]). Essas vozes sociais ou heterodiscurso constituem um feixe de sentidos da obra, tendo em vista o

momento histórico de produção, recepção e o meio de circulação de uso da língua. Contudo, tal categoria também pode ser utilizada em gêneros secundários, tais como o conto, a crônica, fábulas.

Atestam Santana e Francelino que “Os discursos que se encontram atravessados por diálogos alheios não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração” (SANTANA; FRANCELINO, 2018, p. 238), o que fora apontado por Bakhtin em “Metodologia das Ciências Humanas” (BAKHTIN, 2006 [1979]). Desse modo, o teórico brasileiro compreende que “Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de estetificação)” (SANTANA; FRANCELINO, 2018, p. 239), visto que “[...] sem uma orientação social de caráter apreciativo (axiológico) não há atividade mental” (FARACO, 2009, p. 136).

Tal discussão nos remete às proposições de Volóchinov (2017 [1929]) e Medviédev (2016 [1928]), membros ativos do Círculo de Bakhtin, para quem a linguagem é ideologicamente preenchida (BAKHTIN, 2006 [1979]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Ao discutir sobre a Interação Discursiva, Volóchinov (2017 [1929]) compreende que a linguagem não se apresenta aos sujeitos da enunciação como sistema abstrato de formas linguísticas, mas como atividade. A Interação Discursiva é gerida por Volóchinov (2017 [1929]) como fenômeno socioideológico, enquanto material verbal, extra-verbal e fruto de um processo social.

O Heterodiscurso, nesse sentido, promove a reacentuação de vozes sejam complementares ou divergentes (FIORIN, 2006), que, conforme Bezerra, atua “em conjunto com a dissonância individual como produto da subjetividade criadora” (BEZERRA, 2015, p. 13). Assim, “Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa” (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 236), de forma que o trajeto responsivo assumido por pesquisadores e cientistas da linguagem consiste em “tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação” (GERALDI, 2006, p. 42).

A seguir, adentraremos à análise da charge *200 capetões*, assinada por Jota Camelo (2020), que se propôs, enunciativamente, a atribuir novos sentidos a um acontecimento social de repercussão nacional em território brasileiro.

### Uma nova moeda brasileira: olhares heterodiscursivos

Nesta seção, apresentamos um enunciado imagético que compõe os dados para composição analítica deste artigo. Nesse sentido, a charge é composta de elementos que remetem o interlocutor ao contexto sócio-histórico situado, *relativamente estável* e carregado de sentidos dialógicos (BAKHTIN, 2006 [1979]), convocados com finalidades discursivas determinadas, a saber, a narrativa do atual regime governamental brasileiro, sobretudo o discurso econômico. Adentramos à perspectiva de Medviédev (2016 [1928]) sobre a existência de Ideologias que não são apenas situadas na consciência, mas sobretudo na materialidade plena dos discursos sociais, na prática viva e nos diálogos estabelecidos nos diversos setores sociais.

Figura 1 - 200 capetões



Fonte: Diário do Centro do Mundo<sup>4</sup>.

A partir do mote “A nova moeda do bolsonarismo”, o chargista Jota Camelo Lula da Silva, assim denominado no Twitter, construiu um enunciado chargístico heterodiscursivo, ou seja, povoado de vozes que integram diversos setores do cenário político contemporâneo brasileiro. Recorremos aos estudos bakhtinianos, como suporte constitutivo das relações com o outro, potencializadas e conduzidas por vetores sociais, políticos e culturais, que são perpassados por ideologias diversas. Nesse sentido, é importante apontar que a diversidade linguístico-cultural se torna a condição de (re)existência dentro das camadas sociais que

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/200-capetoes-por-jota-camelos/>>. Acesso em: 23 ago. 2020.



fundem a convivência humana. Essa condição é atravessada e promovida pela linguagem, seja verbal, não verbal, individualmente ou em conjunto. Dessa maneira, é emergente, na sociedade, um exercício sócio interacional intersubjetivo, cuja incompletude aponta para a formação e reformulação de sentidos, que compreendem tensões ideológicas, abarcando tempo, espaço e cultura.

Diante dessas considerações, a charge *200 capetões*, assinada por Jota Camelo, veiculada em 3 de agosto de 2020, no Diário do Centro do Mundo, traz alguns deslizamentos de sentido e movimentos em torno do lugar ocupado pelo “capitão do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da República Federativa do Brasil”, de acordo com o perfil no Twitter (@JairMBolsonaro).

Inicialmente, estabelecemos um olhar comparativo entre os léxicos “capitão” e “capetão”. Em torno da palavra “capitão”, institui-se a construção de que é o posto oficial a ser ocupado na maioria dos exércitos, trazendo a imagem de comando de um grupo de soldados. Ademais, à figura de capitão, atribui-se experiência, no caso de jogadores de futebol, apresentando boa relação com o restante da equipe e com os torcedores. Também, trazemos à reflexão de que, no caso da equipe se tornar campeã, a função de levantar o troféu é do capitão.

Em se tratando da charge em questão, há alguns apontamentos. Em primeira instância, consideraremos a materialidade linguística, que circunda a substituição da figura alegórica feminina, simbolizando a liberdade da República Francesa, representada em nossas cédulas. Reportando-nos aos estudos de Franco Júnior (1999), entendemos que, dentro da tradição cristã, o “capeta” assume o lugar de caluniador e acusador, trazendo para junto de si a representação do mal, de uma entidade sobrenatural maligna, além de carregar a égide, em sua forma original, de ter sido expulso dos Céus por ter criado uma rebelião de anjos contra Deus, pois queria usurpar o trono.

Nessa direção, vemos o número 200 ora sendo associado à criação da cédula, ora ao modo de funcionamento do governo do “capitão” X “capetão”. Dentro dessa perspectiva, conseguimos acompanhar um deslocamento de sentidos, materializado na figura presidencial do então presidente Michel Temer que, vampirescamente, usurpou a posição ocupada por Dilma Rousseff, dando lugar à ocupação bolsonarista, a qual, em campanha, muito criticada pela oposição, por conta do uso de *fake news*, promete acabar com as “mamatas e cabides” nos cargos públicos, enxugando a máquina pública do Estado, mas lança uma nota de 200, fazendo saltar aos olhos a facilidade de lavagem de dinheiro. Ainda que haja, simbolicamente, interpretações para o número 200 (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2016), como o equilíbrio,

a harmonia e a estabilidade, a aceção que se tem com relação ao governo bolsonarista é a instauração de uma nova moeda – a demarcação de um novo regime, uma nova era.

Some-se a isso o enunciado “Bando Central do Brazil”, que pode apontar tanto para o ajuntamento de pessoas, animais ou operários, mas, também, não deixam de caracterizar aqueles políticos que escolheram o Planalto Central para procriarem os integrantes de um partido ou facção, já que a palavra bando traz como definição esse olhar secundário. Nessa direção, podemos refletir sobre a contraposição apresentada, já que o mesmo bando subjaz aos Estados Unidos, materializado por BraSil X BraZil. Assim, relevante ao percurso analítico é o trocadilho entre banCo X banDo, já que, se o bolsonarismo, de fato, munisse a população com educação financeira, que orientasse a cuidar e administrar o próprio dinheiro, não precisaria se colocar em posição subalterna a um país hegemônico e com histórica exploração dos mais pobres e subjugados.

Além disso, conseguimos apontar a sedução pelo outro, neste caso, materializada pela díade Superior X Inferior, em outras palavras, os arranjos emergentes na política externa brasileira contrastam a busca pela aprovação de Donald Trump, é como se o capitão quisesse copiar o norte-americano.

Perceba-se que toda a identificação das vozes outras que atravessam e constituem esse enunciado compõem o Heterodiscurso (BAKHTIN, 2015) ou ainda uma pluralidade de discursos, uma vez que, segundo Medviédev, caso não seja considerada a realidade histórica do enunciado nem suas correlações enunciativas, este nunca atingirá sua completude. Sobre esse aspecto, a avaliação social conduz para além dos limites do enunciado – para outra realidade – tanto em termos de infraestrutura quanto ao acesso às superestruturas (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). A presença da palavra consiste, então, em um apêndice de outra presença (SANTANA; NASCIMENTO, 2018), e no campo do conhecimento do *ethos*, a avaliação social se instaura como um preparo da ação. Assim, “Ela escolhe o objeto para o qual será orientado o ato ou o conhecimento” (MEDVIÉDEV, [1928] 2016, p. 190).

Ainda, dentro dessa perspectiva analítica, vemos o modo como a nova moeda funciona. Ela traz algumas funcionalidades, como, por exemplo, “In milícia we trust”, podemos ver materializada toda uma rede de apoio para causar o efeito de proteção a todos. A respeito disso, Costa (2016) discute que, no contexto de criminalidade brasileira, mais especificamente em se tratando do *modus operandi* no Rio de Janeiro, observam-se organizações criminosas, formadas em conjuntos habitacionais e favelas. Estas, com a ajuda de policiais, bombeiros, guardas municipais, vigilantes, agentes penitenciários, fora de serviço ou na ativa, praticam atos ilegais sob a alegação de combater o crime organizado.

A respeito da expressão “Esta bosta não vale um tostão”, vemos uma construção em torno daquele que quer ser considerado predicativo de um estadista, já que a palavra “tostão” se referia a uma moeda de prata com a esfinge de um monarca. Na contemporaneidade brasileira, vemos que o chargista, na posição de autor-criador, criticou o valor das ações do presidente, fazendo emergir sentidos plurais de que todo o dinheiro criado pela Casa da Moeda não resultará em benefício, já que estamos sob o comando do capitão X capetão, que de 200 formas tenta conduzir um país já sem rumo.

Por fim, temos de considerar duas figuras que balizam a materialidade discursiva. Uma delas estampa o fundo da nota de 200, uma horda de vírus Covid-19, e circunda o engravatado presidente “Capitão X Capetão”, como se quisesse tirar-lhe o dom da vida, fazendo com que ele abrisse a boca em sentido de ajuda. Chama a atenção o lugar em que o vírus é posto na charge, pois é como se ele quisesse levar embora ou tirar de cena o presidente-ator que tem encenado alguns atos no (des)combate ao pandemônio. A outra está no brasão da nota de 200, cuja imagem traz uma suástica. Nesse respeito, capturamos uma crítica ao significado que o uso desse emblema trouxe à conjectura em períodos totalitaristas de Hitler, nos quais se discutia a ascendência cultural ariana que, com o apoio de movimentos nacionalistas de extrema-direita alemã, adotou o símbolo com a ideia de um estado racialmente puro (HELLER, 2000).

A suástica também nos direciona a falas e gestos de lideranças políticas aliadas ao governo Bolsonaro que demonstram familiaridade às posturas implementadas pelo nazismo (G1.COM, 2020). Conforme se evidencia pelos posicionamentos axiológicos assumidos por Jota Camelo, há um substrato antropológico que tenta mascarar o totalitarismo do governo Bolsonaro, mas que foram encarnadas, por exemplo, em participações do atual presidente em manifestações a favor do AI-5 (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2020; G1.COM, 2020).

### **Considerações finais**

Com a propositura desse trabalho, pudemos constatar duas questões centrais: a) como a abordagem heterodiscursiva acentua as concepções postuladas pelo Círculo de Bakhtin no que diz respeito à constituição da linguagem e b) a perspectiva dialógica nos condiciona, enquanto analistas, a identificar como os sujeitos são refletidos e refratados através da interação discursiva.

Essa postura teórica ressalta a imprescindibilidade de elo(s) na comunicação discursiva, uma vez que esta é orientada pelos elementos que a antecedem e por outros que são convocados em fluxo contínuo. A movência semântico-dialética alcançada por meio da recorrência aos heterodiscursos dinamiza e confere potencialidade à abordagem dialógica da linguagem, a qual tem contribuído para formulação de projetos e pesquisas concretizados em âmbitos histórico, social e cultural.

A pesquisa assinalou como um dos resultados fundamentais o fato de que as relações heterodiscursivas são essenciais para a compreensão de enunciados, sejam verbais ou imagéticos, em nosso caso específico a charge *200 capetões*, visibilizada como gênero discursivo. Esperamos que essas (des)contínuas palavras possam instigar pesquisadores a indagarem o óbvio, questionarem o aparente e se debruçarem sobre estudos que ressaltem aspectos socio-histórico-ideológicos imersos na vida e na arte.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-24].

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013 [1934].

BAKHTIN, Mikhail. A ciência da literatura hoje. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1970], p. 9-20.

BEZERRA, Paulo. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. 1ª edição. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 7-14.

CAMELO, Jota. **200 capetões**. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/wp-content/uploads/2020/08/jota-600x493.jpg>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

COSTA, Fransciso das Chagas Souza; BARBOSA, Maria do Socorro Maia Fernandes. O Heterodiscurso em Triste fim de Policarpo Quaresma. **Linguagens & Letramentos**. v. 2, n. 2, p. 155-169, 2017. Disponível: <<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/472>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

COSTA, Greiciely. **Sentidos de milícia: entre a lei e a ordem**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luís. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Feudalismo: uma sociedade religiosa, guerreira e camponesa**. São Paulo: Moderna, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HELLER Steven. **The Swastika: Symbol Beyond Redemption?** New York: Allworth Press, 2000.

G1.COM. **'Assombrosa inspiração nazista', diz Alcolumbre sobre fala de secretário nacional de Cultura**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/assombrosa-inspiracao-nazista-diz-alcolumbre-sobre-fala-de-secretario-de-cultura.ghtml>>. Acesso em: 09 set. 2020.

G1.COM. **Bolsonaro discursa a manifestantes que pediam intervenção militar**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/04/19/bolsonaro-discursa-a-manifestantes-que-pediam-intervencao-militar.ghtml>>. Acesso em: 09 set. 2020.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, J. W. et al. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 39-53.

GRILLO, Sheila. Marxismo e Filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. Ensaio introdutório. In: VOLOCHÍNOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Algumas notas sobre o ensaio Homo Bolsonarus, de Renato Lessa**. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/algumas-notas-sobre-o-ensaio-homo-bolsonarus-de-renato-lessa/>>. Acesso em: 09 set. 2020.

LOPES, Lucas Rodrigues; SILVEIRA, Éderson Luís. O círculo de Bakhtin e o herói imigrante clandestino: percorrendo (os estudos d)a linguagem entre o dialogismo e os processos enunciativos. **Revista philologus**, ano 25, n. 73, p. 251-260, 2019. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO25/73/19.pdf>>. Acesso: 23 ago. 2020.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Considerações sobre heterodiscurso a partir de Dom Quixote. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 100-116, 2018. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/33837>>. Acesso em: 23 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457333837>

MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradução Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].

NEVES, Luiz Felipe Fernandes; PAVAN, Ricardo. Goiânia Mil Grau: dialogismo, heterodiscurso e carnavalização nos memes de internet. *Comunicação & Informação*, v. 21, n. 3, p. 150-165, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/53373>>. Acesso em: 23 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/ci.v21i3.53373>

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes. O Heterodiscurso no conto A mensagem, de Clarice Lispector: questões de linguagem. **Scripta Uniandrade**, v. 16, p. 290-305, 2018. Disponível em: <<https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/download/1120/949>>. Acesso em: 23 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/1679-5520.20180059>

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; PASSERINI, Thiago Zílio; FRANCELINO, Pedro Farias. Rastros do trágico na poética de Castro Alves: uma perspectiva dialógico-heterodiscursiva. **Intersecções**. Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais, v. 1, p. 375-390, 2019. Disponível em: <<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1403>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; FRANCELINO, Pedro Farias. A representação linguístico-discursiva de Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor a partir do evangelho segundo são Mateus. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 45. Florianópolis, p. 233-247, 2018. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1061>>. Acesso em: 23 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i45.1061>

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; OLIVEIRA, Alixandra Guedes. Carlos Heitor Cony em foco: uma análise dialógico-heterodiscursiva da crônica *do jornalismo e da literatura*. **Cuadernos de la Alfal**, v. 12, n. 1, p. 143-158, 2020. Disponível em: <[https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12\\_1\\_cuaderno\\_010.pdf](https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_1_cuaderno_010.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SILVA-JÚNIOR, Silvio Nunes da; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Língua oral e língua escrita: a constituição do sujeito dialógico nos PCN de língua portuguesa. **Interfaces**, v. 10, n. 1, p. 55-66, 2019. Disponível em: <[https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/5761](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5761)>. Acesso em: 23 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/2179-0027.20190006>

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

ZOZZOLI, Rita Maria Dinis. Conhecimentos linguístico-discursivos na sala de aula de língua portuguesa: desenvolvendo “táticas” para desobedecer a propostas prontas. **Leia Escola**,

Wilder Kleber Fernandes de Santana; Lucas Lopes Rodrigues. O Heterodiscurso em uma charge política contemporânea: um estudo à luz de Bakhtin e o Círculo.

Campina Grande, v. 14, n. 1, p. 40-50, 2014. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/326>>. Acesso em: 23 ago. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v14i1.326>

Recebido em: 10 de setembro de 2020

Aceito em: 2 de dezembro de 2020